

MINHA VIDA DE TRABALHO EM PORTUGAL E NO BRASIL

Nasci em 22 de fevereiro de 1.886, na freguesia de Canêdo de Basto, Consêlo e Município de Celorico de Basto, Vila Freixieiro. Meus pais foram José Alves e Ana Alves Ferreira e meus avós José Alves e Margarida Rosa Ferreira. Frequentei a escola primária de minha freguesia até 15 de setembro de 1899, data em que fui obrigado a deixar pela morte de minha mãe. O meu pai faleceu em 1889 e por isso não o conheci. Meu ideal de menino era trabalhar no comércio, o que consegui com um pedido de minha tia Ana Rosa Ferreira, que conhecia Deus e todo mundo, e conseguiu serviço para mim, na casa do senhor Bernado de Freitas Fernandes em Fermil de Basto, cinco quilômetros de Celorico, para onde entrei em 31 de outubro de 1899. A família do senhor Fernandes, como era conhecido, foi a minha a partir daquela dia; nada ganhava, mas tinha casa, comida, roupa lavada e também roupa quando precisava. Em Portugal é hábito, quando um menino se emprega no comércio, denomina-se Marçano, não tem salário, apenas o que já disse; só se é caixeiro depois de um período de prática de 3 anos. No natal do terceiro ano, recebe o novo caixeiro uma gravata, o que até aquela data não pode usar, e começa a receber dinheiro mensalmente; outro hábito ainda: debita o que pode retirar e no fim do ano acertam. Numa determinada casa o caixeiro debitava ~~R\$~~ \$ 500⁰⁰⁰ para anular o facão; o patrão deu o estrilo. Em Fermil trabalhei até março de 1903 e no dia 3 deste mês, mandaram-me para Guimarães, onde trabalhei em três casas de comércio, sendo a última, Souza & Júnior, sucessores da casa de atacado, de onde saí em setembro de 1911, para me associar com um amigo. O movimento era pequeno e logo desanimei de ser comerciante, pouco movimento, e ainda por cima os fiscais em cima dos coitados.

O Brasil, em Portugal, era a ambição de todos os portugueses, entre os quais eu me achava neste tempo. Dêste modo procurei arranjar dinheiro para a viagem o que eu não tinha. Apelei para o sócio e para um amigo e com os 80 escudos conseguidos arranjei meus papeis e vim com um saldo de ESC\$15 os quais deram para comer na viagem e oito dias para arranjar em prêgo.

Embarquei no pôrto de Leixões em companhia de 1 dúzia de maçãs e um garrafão de vinho que ali comprei e durou - até a chegada à Guanabara. O garrafão foi jogado na baía da Guanabara a fim de evitar complicações com a Alfândega. Embarquei em Leixões no dia 15 de outubro, demoramos dois dias na Bahia e chegamos, eu e vários patrícios, no dia 31 de outubro de 1911.

Trouxe várias cartas de recomendações, sendo a melhor para um sócio da firma Teixeira Borges & Cia., que embora tendo deixado esta firma, indicaram-me onde deveria encontrá-lo: avenida Central, na casa Artur Napoleão. Encontrei-o e obtive como resposta " procura-me dentro de três dias" . Voltei a me encontrar com êle e recebi um cartão para me apresentar na firma Delfim Coêlo & Cia., na rua da Assembléia nº 58, o que fiz e comecei a trabalhar no dia 8 de novembro de 1911. O sócio gerente era português e o encarregado do escritório o senhor Fausto Guimarães, brasileiro, sócio também de uma casa exportadora de café, na rua dos Ourives.

Quando o patrício punha seu vocabulário em função aquêle, como o que não era atingido um no escritório e os outros atrás dos caixotes. Tal como diz o Zé Leonel o " Filho das unhas" funcionava a tôda hora. Aprendi mais umas palavras para aumentar o meu vocabulário bem desenvolvido, e também a trabalhar, não conheci outro homem que assim trabalhasse e puzesse todos em movimento. Aguentei um ano, e depois de ouvir tantos desafôros comigo e com os companheiros, dei o fora e fui trabalhar no Bêco das Cancelas, na casa de chá e cêra de Figueiras e Marcelo. Pelo meu patrício e amigo Antônio Teixeira Alves, fui convidado a ir trabalhar na Fundação Americana, e para ali entrei em 12 de dezembro de 1912. Fiquei muito sa-

tisfeito, pois pela primeira vez na minha vida, recebi um brinde no natal de uma garrafa de vinho do Pôrto-Rocha Leão; o preço no mercado era de 3\$000 (três mil réis) " bons tempos" . Na Fundação Americana fiz bons amigos e ali trabalhei como na Locativa, secção de construções, até o fim de maio de 1916 , época em que os senhores Dr. Mário Rache e Claudino Muniz fizeram sociedade com o senhor Dr. J.J. Queiroz Júnior para a exploração da " Esperança" . O senhor Gil Vicente de Souza, guarda-livros da Fundação Americana, convidou-me para acompanhar o Dr. Mário para a Usina, pois precisava de alguém que tivesse prática de contabilidade. Na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, frequentei a Escola de Comércio ali existente, durante os anos de 1913 e 1914, cujo diploma de Guarda-Livros legalizei na Escola de Comércio em Belo Horizonte e recebeu o número 6357, e hoje depois de registrado no Conselho Regional de Minas Gerais, recebeu o número de 1 513.

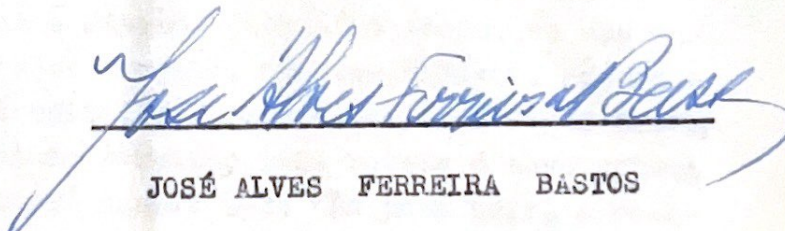
À princípio relutei, porém como não tinha compromisso aceitei. Naquê tempo sofria muitas cólicas de rins, fui ao médico que me tratava, na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, e prontamente disse: Você deve ir não amanhã, mas hoje ! Bom clima, boa gente, o leite nem falar não preciso dar nenhuma receita, vai com Deus. Seguindo seu conselho, e bem acompanhado lá vim eu, e aqui cheguei no dia 5 de junho de 1916. Quando aqui cheguei fui recebido pelo Dr. Mário Rache que me apresentou ao Dr. Queiroz Júnior e família e ao senhor Marcos Mendonça, que era noivo da senhora D. Ana Amélia. O Dr. Queiroz foi em seguida para o Rio com a família tratar de sua saúde que se achava muito abalada. No dia 17 de junho, vindo do cinema de Itabirito, encontrei com a família do Dr. Mário que vinha residir em Esperança, e neste dia fiquei conhecendo aquela que havia de ser minha companheira, e graças a Deus ainda é até hoje. A Esther.

Tivemos os nossos filhos, que muito bem criamos e educamos. Neste trabalho ela teve mais de 80%. Hoje ainda trabalha de manhã a noite e fica satisfeita, que ainda aos domingos reúne os filhos e os netos, e o pão dá para todos; fabrica os biscoitos para os filhos e mais para os netos, planta

verduras vende e comemos, e no fim diz com satisfação: se não plantasse não tínhamos verduras frescas, se eu não plantasse os cr\$ 500 (venda de couve, salsa e cebolinha) não estavam aqui. Assim correram os nossos dias dos 50 anos de Usina Queiroz Júnior que hoje completo.

Queria aqui dizer como disse no Ministério da Guerra um Marechal brasileiro, esta é a minha casa e aqui quero ficar mesmo como um simples soldado raso, eu diria se pudesse, esta é a minha casa, e aqui quero ficar mesmo como simples trabalhador, mas eu não posso assim falar pois já sou muito velho e por êsse motivo encherando pouco, e não ser aconselhável a minha vinda dependurado em ônibus diariamente. Considero-me um homem feliz e essa felicidade, a encontrei aqui. Faço votos ao bom Deus para que os que aqui trabalham, encontrem também a felicidade que encontrei. O mesmo desêjo aos senhores Diretores e suas famílias, senhor Marcos Carneiro de Mendonça, senhor Comandante Joaquim Costa, Dr. J.J. Carneiro de Mendonça, Coronel Afonso de Moura Castro, Dr. Jan Hasek, Dr. Remo Pitella e Dr. Mário Cláudio.

Nada mais tenho a dizer a não ser muito obrigado,



JOSÉ ALVES FERREIRA BASTOS